

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: 54

Data 10 de Janeiro de 1974

Pg.: _____

JUCA Estatuto deixa índio indefeso

Da Sucursal de Brasília

O presidente do Conselho Indigenista Missionário, padre José Vicente César, afirmou ontem que a única fórmula capaz de evitar abusos sexuais contra grupos indígenas foi desprezada pelo próprio governo, que não aceitou a sugestão feita pelos missionários de introduzir no capítulo do Estatuto do Índio que trata dos crimes praticados contra silvícolas o artigo que previa a prisão para aquele que "corrompesse ou facilitasse a corrupção do índio, com ele praticando ato de libidinagem, induzindo-o a praticá-lo ou a presenciá-lo".

"O índio — defende o presidente do CIMI — não conhece perversões sexuais e vive de uma maneira muito natural, relacionando-se com o seu cônjuge de uma forma saudável e pura. O branco, quando começa a conviver com ele, transmite-lhe as deturpações de nossa cultura e acaba deixando-lhe de herança, não só os vícios e corrupção, mas doenças que dizimam grupos inteiros, já que eles não têm defesas orgânicas para combater as moléstias comuns do mundo civilizado".

O presidente do CIMI, que é antropólogo, não acredita na existência de homossexualismo entre os grupos mais primitivos. "O estudioso Levi-Strauss, no seu livro "Tristes Tropics", afirma — apresenta fotos de alguns índios nhamikwaras do mesmo sexo em atitudes eróticas, mas a autenticidade dessas fotografias foi colocada em dúvida por vários antropólogos, como Hebert Balduz e o padre Adalberto Holanda Pereira, da Missão Anchieta de Diamantino, no Mato Grosso.

Sobre denúncia feita envolvendo em homossexualismo o sertanista Antonio de Souza Campinas e índios Krenhacarore, o presidente do CIMI acha que este é um fato que demonstra, mais uma vez, "a necessidade da Funai preparar melhor seus técnicos indigenistas, pois o contato com culturas primitivas exige um trabalho cuidadoso e prolongado para que não lhes sejam trans-

mitidos os valores negativos da nossa civilização".

O sertanista Ezequias Heringer Filho, responsável pelo relatório sobre a situação dos índios Krenhacarore, afirmou ontem, em Brasília, que o trabalho já está nas mãos do presidente da Funai, que determinou a abertura de uma sindicância. Sem querer entrar em maiores detalhes sobre o problema do sertanista Antonio de Souza Campinas, afirmou Heringer Filho que há vários meses acompanhou, junto com Apoena Meirelles, o trabalho de "consolidação do contato" dos krenhacarore. Em seguida, afastou-se da região durante dois meses e em novembro, a pedido do coordenador da Amazonia da Funai, general Ismarth de Araujo, retornou ao posto do rio Peixoto de Azevedo, pois tinha-se notícia de que os índios recém-atraídos por Claudio Villas Boas estariam se dirigindo para a rodovia Cuiabá-Santarém, mantendo contatos indiscriminados com trabalhadores.

"Realmente, pude constatar a andança dos índios — afirmou — mas realmente o que mais me preocupou foi a mudança radical no comportamento deles. Os índios nos procuravam constantemente, e manifestavam por gestos, vontade de manter relações sexuais conosco. Outro índio disse que o sertanista Antonio Campinas tinha se utilizado de uma índia para fins libidinosos. Diante desses fatos, fui obrigado a fazer um relatório, que está sendo estudado pela Funai".